



HISTÓRIA E FICÇÃO AJUDAM A RECONTAR A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

➤ Os anos de 1939 a 1945 foram marcados pelo conflito que tomou dimensões gigantescas e que mudou o mundo para sempre. As nações dividiram-se em duas frentes: os Aliados e o Eixo Roma-Berlim-Tóquio. Foram seis anos de guerra, milhões de vítimas e uma figura central: Adolf Hitler. Sua política nazista pregava superioridade racial e o extermínio de outros povos, a começar pelos judeus.



ILUSTRAÇÃO: ROBSON VILALBA/THAP.COM

A ascensão do nazismo, o descumprimento pela Alemanha dos termos do Tratado de Versalhes, projetos expansionistas das nações do Eixo, o crescimento do comunismo pelo mundo; tudo isso contribuiu para a eclosão da guerra que traria consequências sem precedentes para a humanidade. A Segunda Guerra, de certa forma, nunca terminou. Até hoje faz parte das discussões dentro de casa, na escola, nas universidades, nas ruas e também na indústria cultural. Por sua magnitude, desperta o interesse tanto de especialistas quanto de pessoas comuns. “Sempre haverá aspectos novos, coisas diferentes a estudar e reanalisar. Os historiadores são atraídos por sua importância política e social. Já o público se vê fascinado pelos aspectos militares e pela violência”, observa o professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, João Fábio Bortonha.

MERCADO CULTURAL E A GUERRA

A literatura e o cinema são os maiores produtores de conteúdo sobre guerras. Sejam produtos com viés histórico ou ficcional, a oferta de conhecimento é imensa. A editora Panda Books, por exemplo, lançou recentemente o selo Livros de Guerra, com a promessa de trazer uma obra por mês. Patth Pachas, diretora comercial da empresa, explica essa aposta. “As guerras estão cheias de grandes histórias. São muitos casos de superação, de heroísmo, de resiliência, de estratégia. Até de amor. Isso mexe demais com o imaginário de gente de todas as idades. E, de certo modo, contribui para nosso conhecimento, com aulas de história, geografia, geopolítica.”

Para a escritora especialista na Segunda Guerra, Maura Palumbo, o conflito existe de forma intensa em

nossa atualidade por ter envolvido milhões de pessoas em todo o mundo. “Nada ficou incólume à guerra. A incansável discussão está nas sequelas que deixou. Sempre existirão novas teorias e descobertas. É isso que move a História.”

REALIDADE X FICÇÃO

Conhecer a história é fundamental para poder distinguir o que é realidade e o que é ficção nos livros. “Isso nem sempre é fácil. As obras de ficção têm mais liberdade para criar uma narrativa própria, mas se quiserem basear-se na realidade da guerra, isso oferece um limite para a imaginação. O único jeito de saber se um dado autor de ficção ‘exagerou’ na sua imaginação é conhecendo bem os fatos e a história”, sugere Bortonha. Maura acrescenta que conhecer a história é uma blindagem contra a manipulação. “Somos bombardeados diariamente com informações e revelações. O perigo está na falta de informações, na resistência ao conhecimento.”

Para Bortonha, a neutralidade é algo difícil de ser conseguido. Na opinião do especialista, toda história tem lados e opiniões. Entretanto, observar se o autor usa ou não o método histórico pode ajudar a classificar uma obra como historicamente válida. Para isso, deve trazer informações baseadas em evidências e fatos, utilizar criticamente documentos e informações, dar voz a várias perspectivas para então criticar e indicar a que considera mais adequada, ter cuidado metodológico e teórico, etc. “A opinião precisa ser fundada em elementos sólidos e não ser um mero ‘achismo’. Em geral, quando algum autor se propõe a revelar a ‘verdade escondida’ é bastante provável que se trate de uma obra mais ideológica e sem o crivo do método histórico.” ●